



Suzana Maria Teichmann *

O presente trabalho foi elaborado com base em duas obras de Paulo Freire, sendo elas: **Educação como prática da Liberdade e Pedagogia do Oprimido**.

A presente interpretação tem como tema central a busca da abstração existente no método de alfabetização em Paulo Freire.

Inicialmente o trabalho questiona qual a visão de escola que Paulo Freire tem e que nova escola ele propõe. Qual a relação educador-educando presente nas escolas atualmente e de que forma ela é compatível com o modelo de sociedade em que vivemos. De que forma a escola reproduz este sistema, e ainda contribui para a sua manutenção.

O trabalho busca analisar, também, como a pedagogia da libertação, em Paulo Freire, poderia modificar a realidade, transformando-a em um novo mundo, através de uma nova cultura.

I Revolucionando os métodos pedagógicos

O homem é um ser social na medida em que se relaciona com outros. É neste convívio com outros que o homem forma o seu "eu". Tem, assim, a consciência da sua finitude, o que o faz buscar uma reflexão para a sua existência, um sentido para a sua vida, ou seja, uma transcendência. Essa consciência temporal lhe permite analisar o passado e estabelecer metas para o futuro. O homem passa a ser um agente do seu próprio espaço, interferindo sobre a realidade para modificá-la. É capaz de fazer uma leitura do passado histórico, sentir-se parte integrante deste contexto e sentir-se resultado de um processo cultural. Mas, por ter a capacidade reflexiva, é capaz de ultrapassar a barreira de mero espectador. É capaz de refletir neste movimento cultural.

A partir dos atos de relacionamento do homem com o mundo, ele vai fazendo uma leitura reflexiva. Esta leitura será dinamizadora, crítica e criativa na medida em que aumentem as experiências reflexivas do ser humano sobre

* Aluna do curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional (UNISC).

a dinâmica na qual ele está inserido. É preciso que ele seja desafiado, para que exercite a busca de alternativas. Neste movimento de criar e recriar, ele vai construindo a sua consciência e aumentando a sua capacidade de decidir. Na medida em que ele vai resolvendo seus desafios, vai aumentando também a sua capacidade de análise. Esse movimento o transforma em um ser ativo e crítico.

Porém, quando o homem não é levado a buscar soluções para os desafios apresentados, ele perde a capacidade reflexiva. Torna-se mero espectador. Sente-se impotente. Ao não criar é também levado a não criticar. Massifica-se e não se liberta. Sente medo da liberdade, pois se sente incapaz de encontrar soluções diante dos desafios que se apresentam. Coisifica-se e permite-se ser conduzido. Aliena-se e permite-se a exploração e a subjugação.

Ao percebermos que é nesse movimento que o homem se torna um ser ativo e crítico, é possível constatar, também, que é na falta desse exercício que ele se torna pacífico e alienado. As elites brasileiras, na tentativa de permanecerem no poder, buscaram durante anos impedir que as massas desenvolvessem a reflexão. Através da violência, submeteram o povo à total alienação. Deixando-o imerso no processo, não permitindo a ele a participação no exercício de tomada de decisões, transformaram a sociedade brasileira em uma sociedade fechada. Todo o nosso passado colonial nos deixa clara a pouca participação da sociedade na tomada de decisões. Um passado de dominação cultural européia, um passado escravocrata de total alienação.

Porém, esta sociedade "rachou-se". As alterações que provocaram essa ruptura têm suas raízes nas transformações econômicas. Na medida em que a economia se industrializou, a sociedade passou a abrir-se, isto é, passou a refletir sobre si mesma. As transformações econômicas levaram à urbanização. Essas transformações se fizeram na cultura, nas artes, nas ciências, na literatura, na música e na busca por uma nova identidade nacional, em substituição aos modelos importados. Essa volta, provocou pouco a pouco uma nova consciência coletiva. Esta consciência substituiu a desesperança por uma nova esperança, que desafiou o homem a buscar, ou criar, um novo espaço e refletir sobre ele, sobre seu passado e sua cultura. Despertou nele a auto-confiança e o estimulou a integrar-se criticamente ao seu tempo. A passagem da sociedade brasileira fechada e sem participação do povo para uma nova sociedade aberta e reflexiva é caracterizada como sociedade em trânsito. Essa transitoriedade implica avanços e recuos. Deixa-nos claro que temos a inexperiência democrática e que estamos construindo-a, pois, até então, a nossa História foi calcada na experiência da não-participação.

A sociedade, em transformação econômica, necessitava de uma sociedade alfabetizada e de mão-de-obra especializada. Porém, o que realmente essa sociedade

em trânsito precisava não era de uma alfabetização puramente mecânica, mas sim de reflexões e realismo. Precisava de uma escola que incorporasse este novo homem à experiência da construção e desconstrução. Uma escola que exercitasse a democracia e a busca de mudança de atitudes. Não de uma escola que fizesse comunicados, que fosse teórica, verbosa, palavresca e assistencializadora. Mas de uma escola que estimulasse a participação e superasse a nossa inexperiência democrática.

Para buscarmos a democracia, é preciso que sejamos críticos. Pois, quanto menos crítico, mais o homem trata seus problemas superficialmente e seu discurso será ingênuo ao analisá-los. Quanto menos crítico, menos indagador é o homem, e menos elaborada é a sua sabedoria. Mais ele é levado à passividade e descrença em seu poder transformador. Assim, o que essa sociedade em transformação precisava era de uma escola que tirasse o homem da acomodação. Que lhe proporcionasse o exercício da troca de idéias, do debate e da discussão. Uma educação que colocasse o homem em sintonia com a política. Que o fizesse refletir sobre sua cultura, sobre o poder e o encorajasse na tomada de decisões. Isso porque educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem.

Se o Brasil em transformação econômica, precisava de homens alfabetizados, e os homens dessa sociedade em transitoriedade precisavam de uma escola transformadora, onde estava o ponto de encontro desses dois caminhos? Estava em um programa de alfabetização de adultos. Porém, essa alfabetização não poderia ser puramente mecânica. Ela deveria, ao alfabetizar o homem, ir além da leitura de palavras. A leitura deveria levá-lo a uma leitura de mundo, deveria levá-lo a pensar e agir. Deveria tornar este homem agente, criativo e crítico. Enfim, deveria desenvolver nele a consciência crítica. Segundo Álvaro Vieira Pinto, chamamos de consciência crítica:

(...) a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações casuais e circunstanciais. A consciência ingênua (pelo contrário) se crê superior aos fatos, dominando-os de fora e, por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada. (Apud FREIRE, Paulo. 1989)

Esta, consciência crítica, leva o homem a sua integração com a realidade. Desestabiliza-o, tirando-o da acomodação. Isso porque toda a compreensão de algo corresponde a uma ação. Quando o homem capta um desafio, formula várias hipóteses de resposta, escolhe uma e age.

Para alcançar a educação que promova a consciência crítica, é preciso que se

faça uso do diálogo. Um diálogo que se estabeleça na horizontal, onde o educando e o educador estejam no mesmo plano de comunicação. Não um diálogo na vertical, onde o educador e seu discurso estão acima do educando. Onde o educador, mecanicamente, passa conceitos prontos ou preestabelecidos. Onde o educando é passivo e faz o papel de “depósito da ciência”. Quem dialoga, o faz com alguém, sobre alguma coisa. Então, o diálogo da consciência crítica deve ser o de estimular o educando ao desafio. Assim, ele formula as várias hipóteses de resposta, que o leva a sentir-se desafiado a agir. O educador seria, na escola, o provocador destes diálogos, ou debates. O educando iniciaria o diálogo ao analisar as várias hipóteses possíveis para o desafio lançado.

Estes debates vão respondendo às questões. Os temas geradores destes debates devem compreender dois mundos: o da natureza e o da cultura. Deve estimular a reflexão sobre qual o papel do homem nesses dois mundos.

O caminho da reflexão da cultura deve ser o de percebê-la resultado da criação humana. O alfabetizando deve descobrir-se como fazedor desse mundo da cultura. Deve sentir-se um agente e modificar sua compreensão anterior do mundo. Ele deve compreender que, tanto um boneco de barro feito por ele, como uma escultura de um artista, ambas são expressões do pensamento do homem sobre o mundo. Ele passa a perceber que o mundo é, na verdade, uma grande máquina cujas peças são importantes, cada qual ao seu modo. Deve desmistificar a sua compreensão anterior, de que algumas peças eram mais importantes que outras. Ou seja, tanto o padeiro, quanto o sapateiro, ou o médico, ou a costureira são engrenagens desta máquina. E que todos são importantes e uns precisam dos outros. Assim, o padeiro vende pão ao sapateiro, que, por sua vez, arruma o sapato do médico, que compra roupa da costureira e assim sucessivamente. Ele deve compreender que o seu trabalho é tão importante quanto todos os demais.

Nesse movimento, o alfabetizando deve perceber que as letras que está aprendendo são resultados da cultura do homem. Que através da leitura desses símbolos, ele poderá comunicar-se graficamente. Deve sentir necessidade de aprender a ler e a escrever. Deve ser levado a compreender a utilidade dessa leitura, ou seja, que atrás daquelas letras existe um mundo do qual ele faz parte. Que as letras são também palavras, e representam o mundo. Que a aquisição de uma cultura letrada já não se faz oralmente apenas, mas também através da sinalização gráfica. Que ao se apropriar deste resultado da cultura humana chamado de sinalização gráfica, ele estará se apropriando de um mundo que é concreto, no qual ele vive, de cuja evolução cultural ele é resultado. Com esse instrumento gráfico ele poderá ampliar a sua compreensão de mundo e, compreendendo, poderá agir sobre este.

Para iniciar este método de alfabetização, proposto por Paulo Freire, é preciso que se perceba a evolução de várias fases.

Na primeira fase devem ser realizados encontros informais para debates entre educador e educandos. Estes debates devem servir ao educador para conhecer o universo da linguagem dos educandos, quais os seus sonhos, suas frustrações, esperanças e descrenças. As palavras geradoras deverão sair destes debates. Deverão ser escolhidas palavras das frases mais significativas destes debates.

A segunda fase é a seleção das palavras geradoras. Os critérios para a seleção destas palavras deve ser a abrangência que as mesmas possuem. Primeiro elas devem ter, em si, uma riqueza cultural. Devem ter significado para os educandos. Em segundo lugar, devem ter uma riqueza fonética. Em terceiro lugar, devem ter as dificuldades da língua, colocadas numa seqüência que vá, gradativamente, das menores às maiores dificuldades.

A terceira fase consiste na criação de situações-problema em torno da palavra geradora. Estas situações devem ser lançadas ao grupo para gerar debates em torno delas. Estes debates devem girar em torno do conceito de cultura e da relação do grupo com a palavra selecionada.

A quarta fase consiste na elaboração de um roteiro, elaborado previamente pelo professor. Este roteiro deve ser flexível durante a condução do debate. Mas não deve permitir que o debate se perca no vazio. O roteiro deve orientar o professor que, por sua vez, deve desafiar os educandos. Deve ser o fio condutor.

A quinta fase é a leitura de fichas, com a decomposição das famílias fonêmicas correspondentes aos vocábulos geradores. Ou seja, em primeiro lugar, através da confecção de cartazes, professor e alunos irão decompor a palavra geradora. Exemplo: palavra geradora “sapato”, decomposta em sa-pa-to. Todo o grupo deve reconhecer a palavra inicial, mesmo com ela decomposta. Em segundo lugar, vem a formação das famílias fonéticas de onde foram retirados alguns fonemas que deram origem à palavra “sapato” (sa-se-si-so-su; pa-pe-pi-po-pu; ta-te-ti-to-tu). Em terceiro lugar, deve ser proposto ao grupo que utilize a união de outros fonemas, gerando novas palavras. O grupo deve perceber que os mesmos fonemas que deram origem à palavra “sapato”, podem ser combinadas com outros fonemas originando, assim, outras palavras como: pato, sapo... Todas as palavras novas, formadas pelo educando, devem ser refletidas. Assim como também deve ser refletida a própria sistemática da formação de novas palavras através da combinação de novos fonemas. Todas as palavras que os alunos formarem, com as fichas onde estão os fonemas, devem ser por eles escritas em seus cadernos, de forma unida.

Nesse momento é que o aluno deverá, conduzido pelo próprio exercício de alfabetização, perceber que das palavras centrais é possível criarem-se novas. Este exercício fará com que o aluno compreenda que o nascimento do novo é a superação do já existente. Ou seja, é possível transformar o velho através de uma simples combinação de troca de lugares. Da contradição do já existente nasce uma nova possibilidade. Este é, também, o movimento do mundo em que ele vive. A evolução da sociedade é a superação dela mesma. Neste movimento de alfabetização, está presente também o movimento do mundo em que ele vive. Não é de fora que surgirão as mudanças, mas do seu interior. As possibilidades de transformação estão presentes na contradição e superação do já existente.

Através desse método de alfabetização, o aluno estará aprendendo a ler e a escrever. Mas não será uma leitura mecânica de palavras vazias. Serão palavras que trarão, embutido em seu significado, o universo cultural dos educandos. Essas palavras servirão de pretexto para uma análise que irá além do simples ato de escrever. Servirão para, através delas, iniciar a discussão e reflexão sobre a realidade econômica do país, frente às diferenças sociais existentes. Nessas palavras deverá estar contida a abstração da cultura como resultado da experiência humana. Deve servir de desafio para que os educandos reflitam sobre o significado das palavras. Deve tirá-los da acomodação, deve inquietá-los e desafiá-los a refletir e, assim o fazendo, eles se sentirão desafiados a agir.

O mundo em que eles vivem também está cheio de contradições, assim como no mundo das palavras. E da mesma forma que palavras centrais podem fazer surgir novas, através do simples movimento de troca de sílabas, também o mundo pode ser transformado através da superação das suas contradições. Ou seja, é no modo de produção capitalista que eles vivem, que está a possibilidade de surgir um novo. Não virá de fora, o novo, mas dentro dele mesmo. Surgirá através da superação das contradições. Portanto não será um novo, mas o já existente, porém transformado. Para que isso ocorra é preciso que se repita no mundo, o mesmo movimento que eles fazem com as letras. Mas, para que da palavra "sapato" fosse possível surgir a palavra "pato", fez-se necessária a ação do aluno como agente do processo. Portanto, para a transformação do mundo, será necessária a ação dele.

II A pedagogia do amor é uma resistência ao poder

Após escrever o livro **Educação como Prática da Liberdade**, Paulo Freire, exilado no Chile, escreve a sua obra **Pedagogia do Oprimido**.

Uma das questões observadas por Paulo Freire é a indagação que tem sido

feita por educadores sobre o seu método de alfabetização, que busca a libertação. A indagação refere-se ao medo da liberdade e o perigo da conscientização. A relação que fazem é da libertação como uma possível revolução, uma possível rebeldia e o desmoroamento total do mundo.

Esta preocupação leva a uma constatação de dois movimentos, um de desumanização e outro de humanização, sendo o movimento de desumanização aquele que oprime, aprisiona e aliena o homem. E o movimento de humanização, sendo o de vocação dos homens. Porém, como é negado ao homem a humanização, ela também aparece historicamente como um movimento de resistência. Os oprimidos, ao se perceberem como tal, lutam para se libertarem de seus opressores.

Porém, só se reconhecerem oprimidos não significa ainda lutar pela libertação, pois todo oprimido, ao buscar a libertação com uma visão individualista, de conquistar algo melhor somente para si, tende a se transformar em um opressor sobre os demais. Daí provém o medo da liberdade, da contradição de que todo oprimido é também um opressor. Essa contradição implica uma dualidade: todo oprimido é também um futuro opressor. Esta dualidade está instalada em seu interior. O oprimido quer ser livre, mas teme que, ao se libertar, passe a ser um opressor.

É neste momento da obra de Paulo Freire que encontramos a abstração da sua proposta pedagógica. Abstrair é eliminar as diferenças, é encontrar o ponto comum entre diferentes partes. Este ponto é encontrado na dualidade existente entre opressor e oprimido. Percebe-se isso ao eliminarmos as diferenças existentes entre ambos e constatarmos que todo oprimido é um opressor, assim como, todo opressor é também um oprimido. Portanto, é possível encontrar um opressor e um oprimido presentes ao mesmo tempo. Se abstrairmos as diferenças existentes entre opressor e oprimido veremos que estas duas forças coexistem e se encontram.

Daí que a libertação não é a troca de oprimido por opressor, mas a superação de ambos. O novo homem "liberto" é transformador e sem medo. Para tal, é preciso que supere a contradição opressor-oprimido. Superar é não escolher entre um lado ou outro, mas um novo. Para isso é preciso que se faça a reflexão crítica, que levará a uma ação capaz de transformar o mundo. Já não é mais o homem na sua dualidade, mas sim na sua superação e libertação coletiva.

Liberdade não é um ato individual, mas sim coletivo. Também não é uma mudança, mas sim um processo. Processo de transformação permanente da libertação. Segundo Paulo Freire, em sua obra **Pedagogia do Oprimido**, ninguém liberta ninguém; ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.

Para que o oprimido se liberte é preciso que ele desenvolva a reflexão crítica. Pois só ela é capaz de levá-lo a ação. Os líderes revolucionários só conquistarão isso se dialogarem com os oprimidos na horizontal. Diálogo de igual para igual, contribuindo para que o oprimido se liberte no seu interior. Caso contrário, os líderes terão transformado o oprimido em massa de manobra.

Este exercício deve compreender a reflexão de que o surgimento de algo nasce dentro dele. Ou seja, não é de fora que virá a transformação, mas sim do interior do já existente. É das contradições do mundo que surgirá um mundo transformado. Não é outro, mas o mesmo, surgido das próprias contradições do antigo.

Essa reflexão crítica, é conquistada através do diálogo que se estabelece dentro da proposta de uma pedagogia humanizadora. Essa pedagogia humanizadora tem uma prática ou um método, na escola, que acompanha o movimento do mundo. Portanto, o educador (líder revolucionário) e os educandos (massas) se engajam co-intencionados. Ambos são sujeitos no ato. Esta reflexão crítica jamais será conquistada numa "educação bancária", onde o diálogo se estabelece na vertical. Nessa concepção bancária da educação a única margem de ação que é oferecida aos educandos é de receberem os depósitos do saber e guardá-los. Segundo esta, o saber é uma doação dos que se julgam sábios. Nela, os educandos são vistos como seres em adaptação que precisam transformar a mentalidade que possuem. Assim como os líderes revolucionários que pensam em fazer as revoluções pelo povo estão condenados ao fracasso, também estão os professores, que pensam em ensinar a seus alunos. Poderíamos, então, nos perguntar: por que esta educação está condenada ao fracasso? Afinal, os alunos não acabam alfabetizados ?

Segundo Paulo Freire, nesta escola, os alunos aprendem a ler, tão somente, letras. Nessa prática pedagógica bancária, o educando, passivo, jamais desenvolverá a consciência crítica e sua inserção no mundo, como ser transformador. O educador está a serviço da desumanização e da opressão. Nesta escola, não existe a superação da contradição, e, conseqüentemente, não ocorre a libertação.

É preciso que o educador supere a contradição de um ser oprimido da sociedade e de um opressor dos educandos. É preciso que o educador também se liberte e perceba que a educação reflete a estrutura do poder. O educador deve derrubar as barreiras que o distanciam do educando, as barreiras que o colocam na posição de opressor. Estas armas de opressão estão presentes no método de avaliação dos conhecimentos, no controle da leitura, de indicação bibliográfica e na memorização do conteúdo narrado pelo educador.

Contrária à educação bancária, que é facilitadora, a educação libertadora

é problematizadora. Na prática da liberdade o educando é sujeito. A educação libertadora supera a contradição entre educador e educando através do diálogo que se estabelece na horizontal. O educador não é só o que educa mas também é educado, é um desafiador. Esta é a abstração da proposta pedagógica, todo educador é também um educando, ensina e aprende. Eliminando as diferenças entre professor e aluno, vemos que ambos ensinam e aprendem. O educando deixa de ser um depósito do saber e passa a ser crítico, atuante e reflexivo.

Dentro desta educação libertadora, o mundo já não é algo sobre o que se fala. Implica a negação deste homem isolado, solto e desligado do mundo. A pedagogia problematizadora é a reflexão sobre os homens em suas relações com o mundo. Relações em que consciência e mundo se movimentam simultaneamente. Não há uma consciência primeiro e um mundo depois, mas sim os dois ao mesmo tempo. O mundo existe em sua concretude, mas só é percebido na medida em que os homens, simultaneamente, refletem sobre si e sobre o mundo. Desta forma o mundo constituinte da consciência se torna o mundo da consciência. A partir do momento em que o homem supera a simples admiração do mundo concreto e estático, e passa a ter a consciência do mundo, passa a uma realidade em transformação, em processo.

Por isso a educação deve ser problematizadora, para que o homem perceba, criticamente, que ele é um sujeito do mundo. É a relação dialética com o mundo, ou seja, o homem agindo sobre o mundo e transformando-o; e o mundo agindo sobre o homem em transformação. Mais uma vez encontramos aqui a abstração presente: ao mesmo tempo o homem é um agente e um passivo da sociedade. Ele transforma e é transformado.

A educação bancária é a reprodução do poder. Para Paulo Freire, esta escola, reproduz a sociedade e o poder. Ela é compatível com o modelo de sociedade "autoritária" em que vivemos. Os instrumentos de avaliação são a forma de repetir os instrumentos autoritários que são utilizados sobre a sociedade para reproduzi-la conforme o poder institucionalizado deseja. O professor tem um poder autoritário incontestável sobre o aluno, assim como o presidente, com suas medidas provisórias, tem o poder autoritário incontestável de governar. O aluno aprende a não contestar, e a aceitar que existe um poder "estabelecido", que é incontestável, e que decide por ele.

A pedagogia tradicional considera o aluno estático, e não um ser dinâmico, que está em transformação. Prepara o aluno para ser um cidadão estático e manter-se na posição de oprimido. É preciso que a pedagogia inclua o aluno no processo. Considere-o um ser dinâmico, capaz de romper com o poder estabelecido. Capaz de atuar no mundo e transformá-lo.

Conclusão

Uma pedagogia da libertação, como a que Paulo Freire propõe, não ensina a repetir palavras, mas sim a desenvolver a capacidade de refletir sobre elas. Ao refletir sobre estas palavras e problematizá-las, o homem é levado a buscar alternativas de solução, e, assim o fazendo, é levado a agir. Esta conscientização desestabiliza, torna o homem crítico e ativo. Passa a ter a consciência do mundo e sentir-se sujeito deste. Percebe que a cultura é resultado da sua ação e que esta não está pronta, mas em processo. Processo este de cuja construção cultural ele é parte integrante.

A educação bancária e a relação de opressor-oprimido que nela existe são a reprodução da estrutura do poder. Nela o professor atua como opressor, e reproduz no seu aluno oprimido o papel que ele próprio representa na sociedade. É preciso que o professor supere a contradição de ser ao mesmo tempo opressor e oprimido. Esta superação implica uma nova visão do papel que a educação representa dentro da ordem estabelecida. Implica romper as barreiras de reprodução do sistema. Nela o diálogo se estabelece na horizontal, entre aluno e professor. Esta superação proporcionará a conquista de um mundo transformado.

As obras de Paulo Freire **Pedagogia do Oprimido** e **Educação como prática da Liberdade** propõem um novo método de alfabetização e uma nova pedagogia de educação. Analisam o papel da educação como representação e manutenção do poder vigente. Analisam também como esta reprodução acontece e o quanto professor e escola não são neutros, mas estão a serviço do poder. Mesmo que o professor não se perceba opressor e os alunos se submetam a oprimidos, a escola está a serviço do poder. Ela transforma o aluno em passivo cidadão ao não proporcionar a reflexão sobre o mundo e nem estimulá-lo a ser agente do processo, crítico, criativo e transformador.

O medo da rebelião, constatado por Paulo Freire, é o medo da libertação. Liberdade esta que implica sair da acomodação, implica responsabilidade e ação. Segundo ele, o movimento da educação deve compreender:

*O homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão e seu permanente movimento de busca do ser mais*¹

Em suma, a abstração do método de alfabetização de Paulo Freire está na compreensão de que todo opressor é também um oprimido. E que o nascimento

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 1975, p. 63.

do novo surge da superação desta contradição. Ou seja, o homem será liberto quando superar a contradição opressor-oprimido, existente dentro dele. Isso não virá do exterior, nem do nascimento de um novo, mas será a transformação do existente.

Assim como no movimento das sílabas de uma palavra surge uma nova palavra, também no movimento do mundo surgem as possibilidades da evolução. Portanto, na contradição do modo de produção existente, está presente a possibilidade da construção de um novo. Novo este que poderá ser um mundo com menos injustiça e mais equidade social. Um mundo onde as diferenças econômicas sejam quase inexistentes, e o "Ser Humano" seja o valor maior. Uma nova possibilidade, onde a primazia do capital seja substituída pela primazia do social.

As mudanças não estão fora do mundo em que se vive, mas dentro dele. É no seu interior que vivem as contradições. Para transformá-lo, é preciso que se supere estas contradições. O homem liberto é a superação do homem opressor-oprimido. O mundo mais justo é a superação das contradições da justiça-injustiça do mundo atual. Não é um novo mundo que precisa nascer, mas é o já existente que precisa ser transformado, através da superação das suas contradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 150p.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 220p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 144p. (Coleção Primeiros Passos)